

O DECLÍNIO DA POTÊNCIA: Uma análise do processo de crise da hegemonia norte-americana

Ana Carolina Oliveira, Lara Azevedo Malheiros e Mariana Acioli

Mayo¹

Resumo

As relações de poder que marcam o cenário internacional, geralmente, despontam potências político-econômicas que se sobrepõem aos demais países do sistema. Desde meados do século XX, os Estados Unidos da América se apresentaram como um importante hegemom capaz de superar contestações e de se fortalecer ao longo do tempo, manifestando sua potencialidade aparentemente inquestionável no início do século XXI. Recentemente, no entanto, surgem indícios de que o poderio estadunidense esteja em queda. Este artigo, portanto, tem como objetivo analisar a hegemonia norte-americana e seu possível processo de declínio, embasado na teoria dos Ciclos Hegemônicos de Immanuel Wallerstein e no conceito de poder de Edward Carr. A análise abrange os aspectos econômicos e militares, além da relação de poder entre Estado e as opiniões públicas interna e mundial. Por meio da elaboração de duas hipóteses, as quais abordam tanto uma possível crise econômica quanto uma hegemônica, conclui-se que, segundo a teoria de Wallerstein, o poder hegemônico norte-americano estaria se extinguindo; e que um novo ciclo hegemônico pode vir a surgir.

Palavras-chave

Estados Unidos da América; hegemonia; ciclos hegemônicos; relações de poder.

Abstract

From the relations of power that marks the international scene, constantly emerge politic and economic powers that are above the other countries of the system. Since the mid-twentieth century, the United States of America have become an important hegemon that has overcome challenges and get stronger over time, rising up his apparently undoubted potential at the beginning of the twenty-first century. Recently, however, evidences that the American power is in decline have emerged. This article, therefore, aims to examine the North

¹ Ana Carolina Oliveira, Lara Azevedo Malheiros e Mariana Acioli Mayo são graduandas em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

American hegemony and its possible process of decline, based on the theory of the Hegemonic Cycles of Immanuel Wallerstein and the concept of power of Edward Carr. The analysis covers economic and military aspects, and the power relationship between the State and domestic and global public opinion. Through the development of two hypotheses, which can address both an economic crisis as a crisis hegemonic, it is concluded, according to the theory of Wallerstein, that the North American hegemonic power would be extinguish, and that a new hegemonic round could emerge.

Keywords

United States of America; hegemony; hegemonic cycles; power relations.

Introdução

Os Estados Unidos da América vêm desempenhando um papel fundamental na disposição da economia política mundial. Sua ascensão corresponde a um lento processo que foi concomitante ao declínio da Grã-Bretanha, o antigo hegemom (Cox, 1986). A hegemonia norte-americana enfrentou anos de contestação: primeiramente, pela Alemanha e, posteriormente, pela União Soviética, durante o período da Guerra Fria. Com a queda do mundo comunista no final da década de 80, no entanto, os Estados Unidos despontaram político, econômico e militarmente.

Embora seja inegável que os norte-americanos ainda possuem um grande poder econômico e político no cenário internacional, seu poder de influência nos acontecimentos já não se mostra o mesmo. A esfera de poder que permanece invicta é a militar, que em termos tecnológicos ainda não possui nenhum concorrente em evidência. Porém, apesar da supremacia militar, os estadunidenses sofreram uma derrota significativa no Vietnã e encontram sérias dificuldades na atual Guerra do Iraque.

No campo político-teórico contemporâneo, surgem muitos estudiosos e políticos que apontam para o fim de um império hegemônico, que perdurou por décadas. O hegemom norte-americano está em crise e suas condições de superá-la são questionadas por muitos.

Neste artigo, a economia, o poderio militar e o poder sobre a opinião pública dos Estados Unidos da América são analisados a fim de se entender quais são as reais condições da hegemonia estadunidense de se manter por mais tempo no cenário internacional.

O Declínio da Potência: uma Análise do Processo de Crise da Hegemonia Norte-Americana

Dois dos conceitos base necessários para fundamentar algumas hipóteses acerca da hegemonia norte-americana são o de Ciclos Hegemônicos de Wallerstein (1996) e o de Poder de Edward Carr (2001). Ambos, ao serem combinados, fornecem um instrumental teórico abrangente, que permite uma análise mais profunda das relações de poder no sistema internacional, uma vez que o conceito de hegemonia está intrinsecamente relacionado com o poder. A superioridade do poder econômico, militar e político é o elemento central de identificação de um hegemon.

Segundo Wallerstein, toda ascensão de uma futura potência é acompanhada de uma acumulação de capital, que leva ao monopólio da produção sistêmica mundial. Este poder nunca é inteiramente obtido, uma vez que ele pode ser consolidado, mas nunca exercido apenas por um país. O futuro hegemon será o maior poder econômico, mas não o único, uma vez que sempre haverá outros poderes periféricos (Wallerstein, 1996, p. 86-87).

O requerimento para um Estado com pretensões hegemônicas não é militar, mas sim a primazia em eficiência produtiva na economia mundial. A busca pela hegemonia é paralela à busca pelo monopólio da produção sistêmica mundial. A ausência de pesados investimentos militares permite uma ascensão econômica e financeira. Eficiências produtivas, historicamente, tornaram possíveis eficiências comerciais, as quais contribuíram para conquista de eficiências financeiras. Para manter-se economicamente, é necessário um forte poder estatal capaz de criar vantagens não geradas pelo mercado e de extrema importância para a consolidação do hegemon. O processo é o de acumular vantagens

e transformá-las em uma posição estrutural privilegiada (Ibid., p. 87-88).

A fase final de cada busca por hegemonia envolve um conflito militar que é chamado de “Guerra dos Trinta Anos” (Ibid., p. 99). Ela envolve todos os maiores poderes militares e uma destruição física maciça. Em todos os casos, o poder comprometido em manter a estrutura básica da economia mundial capitalista venceu o poder que estava tentando transformar o sistema em um império mundial. A guerra também é apontada como responsável pelo aumento significativo do poder militar do candidato à potência. Nota-se que o processo para atingir o status de hegemon é muito longo. O final de cada guerra dos trinta anos é um marco significativo na construção do sistema internacional. Nesta etapa, o poder hegemônico cria uma ordem que garantirá sua vantagem econômica por um longo período. Um forte poder político é preciso para definir as regras do sistema e para garantir que estas sejam seguidas durante a maior parte do tempo. Estas regras servirão como garantidoras de seus interesses econômicos, políticos e militares.

Tais regras, por meio das instituições, irão restringir a liberdade do mercado a fim de fazê-lo funcionar ao seu favor. A imposição destas limitações requer o uso conjunto da força, suborno e da persuasão ideológica. Neste ponto, a supremacia militar é essencial. A força deve ser a suficiente para que, na maioria dos casos, não seja necessário utilizá-la; a ameaça somente deve bastar. Com o tempo, a eficácia da força diminui em virtude de seus desafios. A persuasão ideológica é um fator chave para convencer a população da potência hegemônica a pagar o preço pela supremacia militar, assim como a dos países aliados (Ibid., p. 99).

As próprias políticas do poder hegemônico, que prolongam sua preponderância econômica por meio da liderança política, são, na verdade, segundo Wallerstein, as eventuais causas do declínio de sua hegemonia. O uso da força, que se faz necessário ocasionalmente, gera um custo para seu usuário e o deslegitima, mesmo quando este é bem sucedido. Em determinado estágio do ciclo hegemônico, a liderança deixa de ser automática e a persuasão se torna mais difícil, fazendo com

que o poder hegemônico não consiga mais demonstrar maior eficiência produtiva que seus rivais (Ibid., p. 101).

O declínio da hegemonia é, ao mesmo tempo, muito rápido e muito lento (Ibid., p. 101-102). Por um lado, de repente, todos parecem notar que a autoridade do poder hegemônico está sobre séria ameaça e que o alcance de sua vontade política já não é mais automático. O hegemon, por sua vez, que parece estar com problemas econômicos acaba tendo a percepção dessa fraqueza aumentada, já que outros se mostram preparados para agir na arena internacional de diferentes maneiras. Por outro lado, o declínio parece ser bem devagar: a superpotência ainda permanece como maior poder militar, econômico e cultural, sendo difícil a tomada de atitudes contrárias às suas vontades.

O processo de ascensão de um Estado para assumir o status de poder hegemônico é longo. Analiticamente, segundo Wallerstein, é importante distinguir entre o período de “planalto” e o de declínio. No planalto, ou seja, no período de hegemonia, a maioria dos mecanismos que o hegemon implantou continua vigente, porém, com sua eficácia diminuída. Estes mecanismos se tornam meios de diminuir o ritmo do inevitável declínio. É importante destacar que o período de “planalto” é breve. Há, então, pelo menos dois grandes poderes que irão se esforçar ao máximo para atingir o lugar da potência em decadência, recomeçando, assim, o ciclo (Ibid., p. 101-102).

A tese da necessidade de um poder supranacional, apresentada por Edward Carr, afirma que a condição essencial de uma legislação internacional, é a existência de um super-Estado mundial. O conceito de poder do autor é importante para a construção das hipóteses acerca da hegemonia norte-americana. Para o autor, este é indivisível e abarca três dimensões: poder econômico, militar e sobre a opinião pública. O poder militar é o que exerce influência sobre os demais Estados, sendo um fator determinante na política internacional, já que o estado de guerra é latente e, portanto, os atos dos Estados estão sempre voltados para a preparação desta. A guerra deve ser constantemente pensada pelos Estados, já que este é o último recurso dos mesmos para manter a própria sobrevivência. Toda grande civilização da história demonstrou sua superioridade bélica e comprovou-a por meio de guerras, uma vez

que o reconhecimento só é adquirido após a vitória. Desta forma, o despreparo militar está diretamente ligado ao status político da nação e toda política externa deve ser associada à estratégia militar, visto que a guerra é iminente (Carr, 2001, p. 143-145).

Na maioria das vezes, para Carr, o poder militar é um fim em si mesmo, pois é um meio de garantir a segurança (Ibid., p. 143-148). Os Estados usam o poder militar para aumentar a sensação de segurança e sentirem-se mais forte, tendo o objetivo imediato de impedir o outro de aumentar seu poder. Isto pode ser vislumbrado nas grandes guerras dos últimos cem anos, como a Primeira Guerra Mundial e a Guerra da Criméia.

O poder econômico sempre foi um instrumento do poder político das nações; aquele que detém o poder econômico pode ter o poder militar, visto que há uma conexão íntima entre os poderes. Carr destaca dois métodos (Ibid., p. 157) a partir dos quais o poder econômico estaria à serviço da nação:

1) *Autarquia/ auto-suficiência, que pode ser uma arma de guerra.* Em tempos de guerra, os Estados que se sustentam sozinhos mostram-se menos vulneráveis. A Primeira Guerra Mundial impulsionou a busca pela auto-suficiência, devido aos bloqueios e ataques marítimos, que contribuíram para que os países tentassem se sustentar sozinhos. A Liga das Nações deu proeminência às sanções econômicas, que só eram efetivas se apoiadas pelas armas militares (Ibid., p. 157-162).

2) *Exportação de capitais.* A Grã Bretanha só foi reconhecida como potência à medida que Londres se tornou o centro financeiro mundial. Isso também ocorreu com os Estados Unidos da América, uma vez que se colocou como o grande fornecedor de capitais para o mundo. Na Primeira Guerra Mundial, fica clara a conexão entre o poder militar e o econômico, já que a estratégia era de inutilizar o sistema econômico do adversário, o que para Carr “era tão poderoso quanto destruir seus exércitos” (Ibid., p. 162-165).

Na busca dos objetivos políticos, o poder sobre a opinião pública é tão importante quanto os outros poderes para os Estados. Assim, nenhum

governo, seja ele democrático ou totalitário, abandona este tipo de poder (Ibid., p. 172). Segundo Carr, existem dois instrumentos para moldar a opinião pública:

1) *a educação que tenta instalar as tradições, culturas, crenças e instituições de seu país.* Mesmo os governos democráticos não ensinam princípios capazes de subverter o próprio sistema; mas instruem a dar a importância devida à liberdade e aos valores democráticos (Ibid., p. 174).

2) *Os meios de comunicação que utilizam os instrumentos da mídia para moldar a opinião pública, seguindo a tendência de oligopolização.* Estes meios tendem a estabelecer relações cada vez mais estreitas com o Estado, pois é ele que fornece incentivos fiscais e permissões. Tais relações facilitam o controle por parte do Estado. Para Carr, seria impossível uma opinião pública isenta de algum tipo de controle (Ibid., p. 174-176).

Carr ressalta a interdependência dos poderes, destacando que o alargamento das bases políticas aumenta o número de opiniões que podem ser consideradas na elaboração do plano militar. Idéias sobre a opinião pública não podem ser ilimitadas (Ibid., p. 185-188). Por exemplo, a guerra do Iraque foi respaldada na idéia de que o país possuía armas de destruição em massa, a qual não tinha ligação de fato com o objetivo real da intervenção. No início, a opinião pública se convenceu, mas esta chegou à verdade com o tempo. As idéias da opinião pública são propaganda nacional e se camuflam de ideologias de caráter universal.

Expostos os conceitos base de Wallerstein e de Carr, serão analisadas três áreas de atuação da política estadunidense que influenciam sua correlação de forças no sistema internacional: econômica, militar e influência sobre opinião pública.

Análise dos indicadores da hegemonia

Econômico

Por meio do Produto Interno Bruto, do crescimento industrial e do consumo energético, vamos analisar a economia norte-americana, exemplificando a abrangência de sua hegemonia.

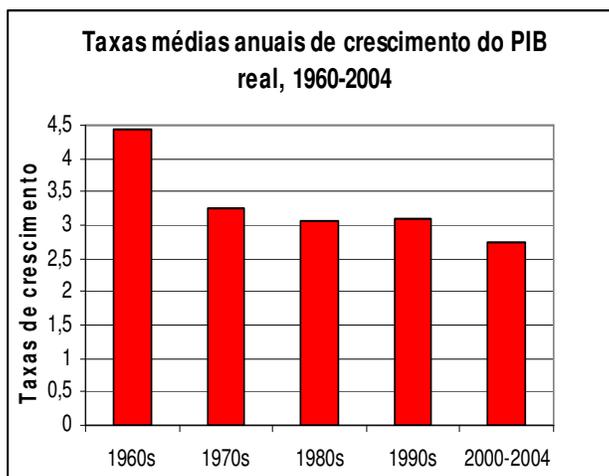


Figura 1: a média do PIB norte-americano sofre queda desde a década de 60.

A economia estadunidense tem enfrentado uma grande crise desde a década de 1960 (figura 1)². O crescimento econômico da época foi frustrado pelos choques do petróleo, frutos do embargo de 1973 e da Revolução Iraniana de 1979 (Organization of the Petroleum Exporting Countries (OPEC), s.d.). Houve a diminuição da produção do recurso natural, o que aumentou os preços do barril no mundo inteiro (Federal Reserve, 1999). Parece que a "inserção competitiva na economia globalizada", pretendida pelos neoliberais, seria abortada pela "crise da competição globalizada". A estagnação teve duas conseqüências importantes para o poder dos Estados Unidos. A primeira foi o colapso do desenvolvimentismo (idéia de que cada nação pode alcançar o líder, em termos econômicos, desde que cada Estado tome as medidas

² Fonte: *Economic Report of the President*, 2005, 211, table B-2. Disponível em: <<http://www.gpoaccess.gov/eop/tables05.html>>. Acesso em: 22 de Janeiro de 2008.

apropriadas), isto é, a principal reivindicação ideológica dos movimentos da velha esquerda então no poder. A segunda

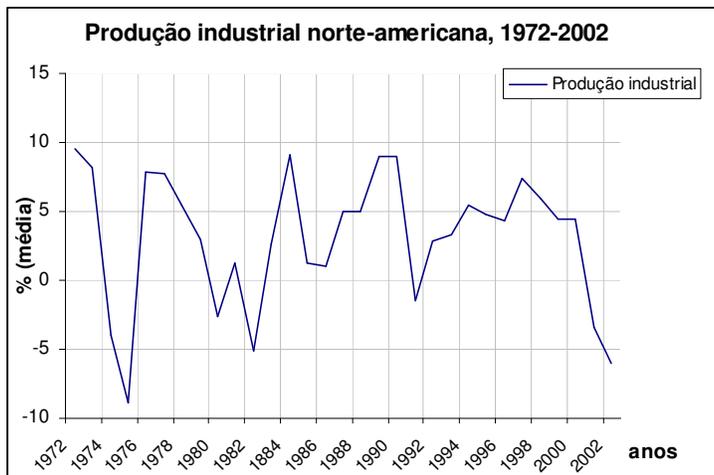


Figura 2 – percentagem média da produção industrial norte-

conseqüência reuniu as sucessivas desordens internas que estes regimes enfrentaram, os padrões de vida decrescentes e um aumento da dependência em relação às instituições financeiras internacionais.

Como mostra um estudo do Federal Reserve, o Banco Central norte-americano (figura 2)³, houve uma instabilidade da produção industrial durante a década de 70, mais precisamente nos anos após os dois choques do petróleo de 1973 e 1979. Posteriormente, há uma visível e incrível melhora, mas não por um longo período de tempo: a produção industrial sofreu um novo abalo no início da década de 90, na mesma época em que ocorria a guerra do Golfo (a economia americana não tinha interesses em ver o Iraque como detentor de boa parte das reservas petrolíferas mundiais, podendo, assim, exercer influência sobre os demais países) (Ebraico, 2005).

Já em conseqüência dos ataques de 11 de setembro de 2001, que abalaram a economia do país como um todo, a produção norte-americana foi posta de novo à prova, sofrendo uma vertiginosa queda.

³Fonte: *Federal Reserve*. Industrial Production and Capacity Utilization: the 2003 Annual Revision, winter 2004. <http://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2004/winter04_ip.pdf>. Acesso em 17 de Janeiro de 2008.

Os ataques atingiram de forma precisa a confiança econômica e militar do país, que sofreu um abalo incontestável. E os Estados Unidos precisam lidar, até o momento, com a situação, que é consequência da crise.

Após a década de 70, houve uma redução dos investimentos estrangeiros no território norte-americano, como parcela do Produto Interno Bruto do país (figura 3)⁴:

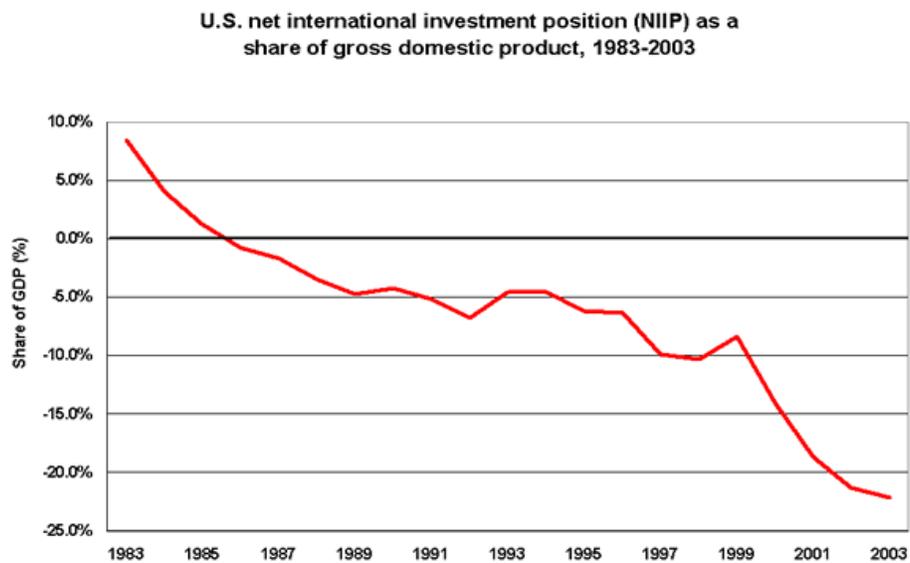


Figura 3 - investimentos nos Estados Unidos, como parcela do PIB, se tornaram decrescentes a partir da década de 80.

A partir de tal crise, a política norte-americana foi alterada e outras fontes energéticas foram buscadas; no entanto a importação e o consumo de produtos derivados do petróleo permaneceram crescentes com o passar dos anos (*U.S. Energy Information Administration, 2007*).

Se for levada em consideração a dependência/ demanda de petróleo pelos Estados Unidos, de maneira proporcional a outras fontes

⁴ Fonte: *EPI analysis of BEA data*.

energéticas, nota-se uma redução significativa (figura 4) ⁵. Porém, não houve redução das importações do recurso natural em si.

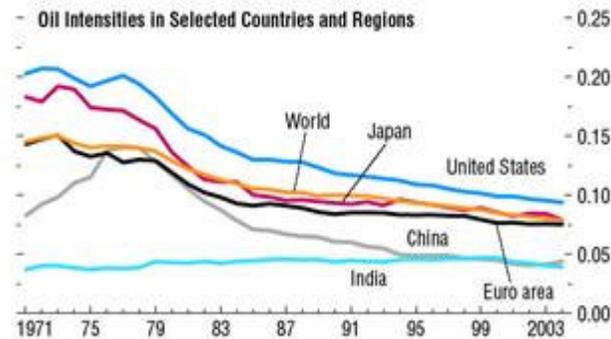


Figura 4 - demanda por petróleo em vários países, dentre eles os EUA.

Atualmente, a economia americana enfrenta novos desafios. Mesmo buscando outras fontes energéticas, o petróleo ainda é vital para toda a economia mundial. É neste importante e estratégico recurso que se sustenta grande parte (se não total) da política externa norte-americana. O esforço do presidente George W. Bush em garantir o acesso às principais bacias petrolíferas do mundo, tem sido canalizado de diversas formas, seja por meio da ação militar, seja pelo cultivo de relações de “boas amizades” com os xeiques do petróleo do mundo oriental (Ebraico, 2005, p. 121-122). No entanto, a empreitada norte-americana tem encontrado dificuldades e fortes críticas pelo caminho.

Às vésperas da visita do presidente norte-americano ao Oriente Médio, em janeiro de 2008, o preço do barril do petróleo chegou ao patamar recorde, afetando os mercados de todo o mundo. Após o susto, o petróleo ainda permaneceu cotado acima de US\$ 90 o barril (figura 5)⁶, devido às preocupações de que os Estados Unidos pudessem mergulhar em uma recessão, prejudicando as compras do maior consumidor do mundo.

⁵ Fonte: *International Energy Agency*; OECD analytical database; and IMF staff calculations, 2002.

⁶ Fonte: *New York Mercantile Exchange* (Nymex).

O preço recorde do petróleo agrava o déficit comercial dos EUA, que foram prejudicados também pela queda nas vendas de aviões comerciais e pela dependência ainda muito grande em relação aos bens de consumo fabricados a baixo custo pela China.

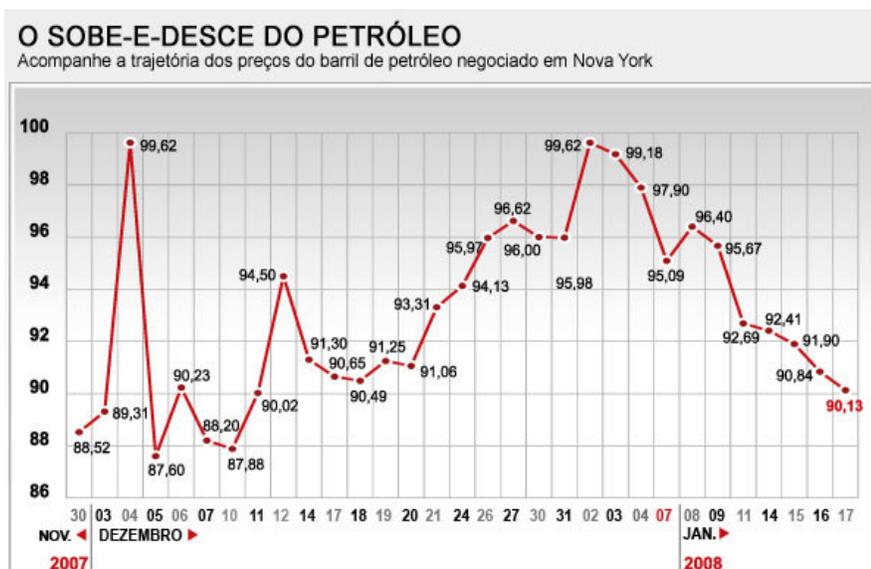


Figura 5 - preços do barril de petróleo entre 2007 e 2008.

Associada à crise nos preços do petróleo, os EUA ainda enfrentam a crise das hipotecas de alto risco (*subprime*). O aumento da inadimplência no pagamento das hipotecas *subprime* (empréstimo imobiliário concedido às pessoas com pobre histórico de crédito) gerou turbulência nos mercados globais, afetando todas as empresas envolvidas nos empréstimos imobiliários e causando grande repercussão na economia norte-americana, visto que a maior parte dos empréstimos feitos no EUA são hipotecas. O abalo teve origem no aumento dos juros ocasionado pela percepção de um surgimento de um movimento inflacionário no país. Desta forma, a população tendeu mais a aplicar em títulos do governo em detrimento de comprar imóveis. O mercado imobiliário, então, começou um movimento reverso, de queda nos preços, provocada pela menor procura. Com os preços dos imóveis em baixa, as novas hipotecas alcançaram valores menores e as empresas de concessão de crédito passaram a enfrentar a inadimplência. O calote atingiu as empresas de hipoteca e os

investidores que emprestaram dinheiro a elas. Sem receber as prestações, a empresa não repassava o dinheiro ao investidor. Este, por sua vez, para reduzir suas perdas, vendia ações de outros negócios na bolsa. Com o grande movimento de venda, as bolsas despencaram.

Diante deste cenário econômico, a recessão é um risco que se mostra possível na economia norte-americana. A crise das hipotecas, aliada à do petróleo, dificultaria uma possível revirada na economia: as hipotecas corroem o consumo e o petróleo incendeia a inflação. Os juros, se utilizados para conter a inflação, teriam um impacto colateral sobre a atividade econômica. Mas, uma vez a atividade econômica sob o ataque da crise das hipotecas, o Federal Reserve (FED) deve priorizar a redução das taxas de juros.

Os temores de recessão nos Estados Unidos, catalisados pela compreensão de que a crise do *subprime* afeta, realmente, o panorama econômico, têm provocado fortes quedas nas principais bolsas mundiais. Uma forte retração da atividade industrial no Meio-Atlântico dos Estados Unidos, ocorrida em janeiro, reforçou o medo de uma crise ainda mais profunda (Reuters, 2008). Contudo, o presidente do Federal Reserve (FED), Ben Bernanke, acredita que os Estados Unidos não viverão uma recessão, apesar de terem passado por momentos de crescimento abaixo da média no primeiro semestre de 2008: “Quando o setor de moradia atingir o fundo do poço, o crescimento deverá começar a acelerar na segunda parte deste ano”, disse Bernanke, acrescentando que a economia ainda tem um “vigor inerente” (Tribuna da Imprensa Online, 2008).

Militar

A teoria de Wallerstein explicita a importância do poderio militar para a manutenção da hegemonia. Contudo, quando este recurso é utilizado de forma recorrente transforma-se em um indicador de declínio de tal potência, que já não é mais capaz de sustentar o próprio poder econômico, político e estratégico. Este esgotamento de poder de uma potência pode ser notado através de um gasto excessivo com

armamentos militares, como é o caso dos EUA, principalmente após o episódio de 11 de setembro de 2001 (figura 6)⁷:

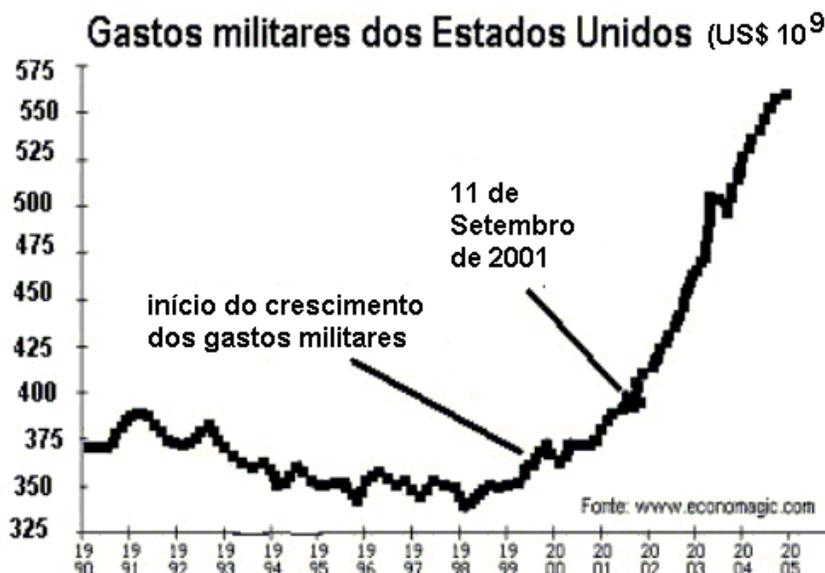


Figura 6 - os gastos militares norte-americanos cresceram bastante a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001

Já Carr acredita que o poder militar é um fator determinante na política internacional, uma vez que o estado de guerra é latente no sistema internacional, e, portanto, todo país deve investir na própria segurança e sobrevivência. Então, o mesmo fenômeno do crescimento em gastos com armamentos militares é interpretado de maneira oposta à Wallerstein. Segundo a lógica de Carr, a superioridade bélica dos Estados Unidos comprova sua hegemonia mundial. Edward Carr relata ainda a íntima conexão entre os poderes militar e econômico. Um ataque à economia seria tão fulminante quanto a total destruição de um exército.

Os Estados Unidos, além de terem aumentado seus gastos militares (muitas vezes gastando com defesa tanto quanto com o sistema social, e até mais do que com os cuidados com a saúde(Economic Report of the

⁷ Fonte: *Enomagic.com: time series page*. Disponível em: <<http://www.economagic.com/>>. Acesso em 21 janeiro de 2008.

President, 2007), mantém bases militares em todos os continentes do mundo, como apresentado na figura 7⁸:

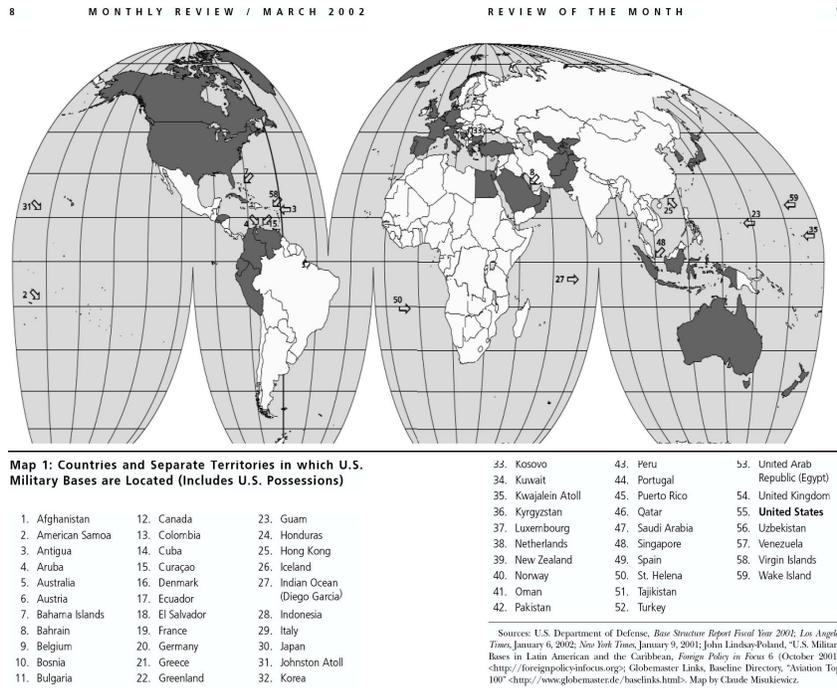


Figura 7 - bases militares norte-americanas espalhadas pelo mundo

⁸ Fonte: *U.S. Department of Defense, Base Structure Report Fiscal Year 2001*; *Los Angeles Times*, January 6, 2002; *New York Times*, January 9, 2001; John Lindsay-Poland, "U.S. Military Bases in Latin America and the Caribbean," *Foreign Policy in Focus* 6 (October, 2001) <<http://foreignpolicyinfocus.org>>; Globemaster Links, Baseline Directory, "Aviation Top 100" <<http://globemaster.de/baselinks.html>>.

Opinião Pública

Tão importante quanto os outros poderes, o poder sobre a opinião pública é fundamental para consolidar tradições, valores e culturas que legitimem a ação do Estado (Chomsky, 2004). A influência cultural sobre outras nações implica em certo sentimento de pertencimento a tal cultura importada, o que garante uma presença atuante deste Estado na vida social, econômica e política das outras nações. A partir disso, é inquestionável a cultural dos EUA na maioria dos países do mundo.

Contudo, hoje, principalmente após o 11 de setembro, não se pode mais dizer o mesmo quanto à opinião pública. As diversas manifestações contra o governo Bush, em especial acerca da atuação norte-americana na guerra do Iraque, demonstram certa crítica à política estadunidense, cuja imagem foi, conseqüentemente enfraquecida.

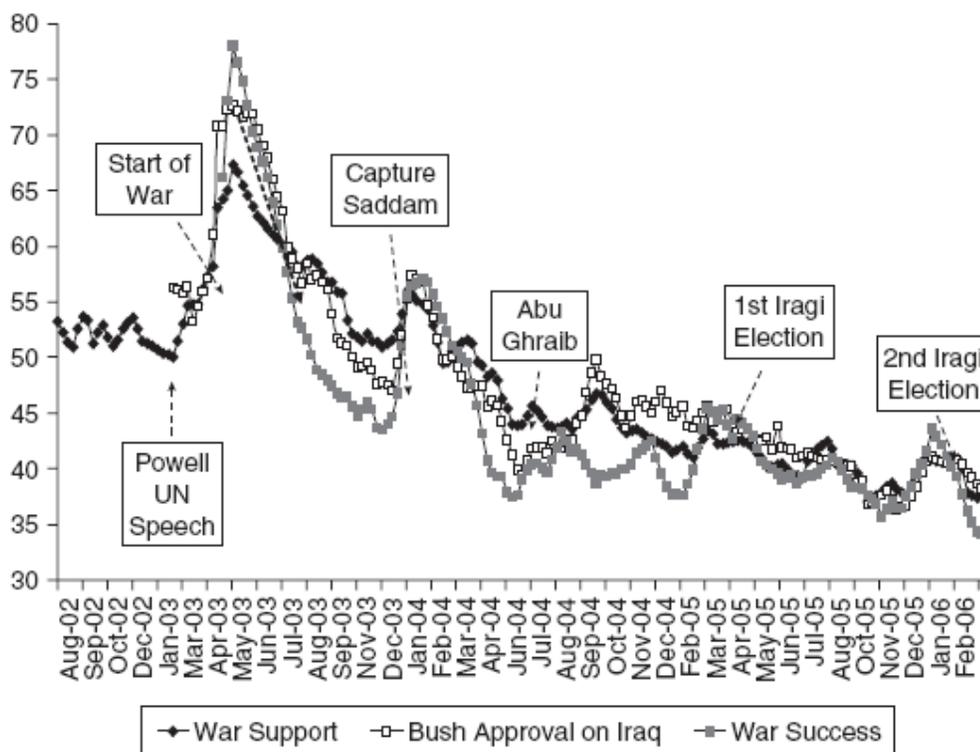


Figura 8 - percepções sobre a Guerra no Iraque: apoio ao conflito, apoio ao presidente e crença no sucesso da guerra

O apoio que antes era oferecido à guerra e a aprovação à posição de George W. Bush acerca da questão do Iraque, atualmente vem perdendo força (figura 8) (Voeten & Brewer, 2006). Alguns apontam tal fenômeno como um reflexo da crise atual, na qual se encontram os Estados Unidos.

A co-relação entre os indicadores

A análise de tais indicadores, sob a perspectiva teórica de Wallerstein, evidencia que a utilização em grande escala do poder militar pode ser um sinal de fraqueza do poder americano. No contexto atual, observa-se um crescimento da dívida externa norte-americana (figura 9)⁹ - chegando aos \$12,25 trilhões em junho de 2007 (CIA World Factbook, s.d.) -, uma subjugação dos assuntos de baixa política à uma procura desenfreada pela segurança, e a reprovação da opinião pública à qualquer atitude unilateral que busque a maximização de poder por parte do governo; ou seja, a crise é praticamente eminente. Sendo os poderes interdependentes, como afirma Carr, a crise em um dos pilares pode vir a causar uma queda significativa da hegemonia norte-americana.

Com base nos vários gráficos sobre a economia, a cultura, a opinião pública e os gastos militares estadunidenses, é possível perceber uma visível queda da importância do país como hegemom principal do sistema, já que os Estados Unidos perdem investimentos externos e “ganham” novos concorrentes, como a China, a União Européia e o Japão. A China é, particularmente, a principal “ameaça” à hegemonia norte-americana, uma vez que tem atingido alto grau de crescimento econômico, e os Estados Unidos possuem um déficit comercial de cerca de \$26 bilhões com ela. O déficit com o Japão chega quase aos \$8 bilhões; enquanto ultrapassam os \$9 bilhões com a zona do Euro (Agência Estado, 2007)¹⁰.

⁹ Calculated from tables L.1 and L.2 from the *Flow of Funds Accounts of the United States* and table B. 78 from *Economic Report of the President*, 2006.

¹⁰ Agência Estado, dezembro 2007. Disponível em: <<http://www.ae.com.br/institucional/ultimas.htm>>. Acesso em 18 janeiro de 2008.



Figura 9 - dívida externa norte-americana não pára de crescer com o passar dos anos

O crescimento econômico da China, provado pelo aumento de fluxos de capitais para o país (Vieira, 2006), vem acompanhado de alto investimento externo na potência chinesa. O Produto Interno Bruto chinês tem evoluído, com um grande salto em 2005 (figura 10)¹¹.

¹¹ Fonte: *Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China*. Disponível em: <http://www.ccibc.com.br/pg_dinamica/bin/pg_dinamica.php?id_pag=2326>. Acesso em 07 fevereiro de 2008.

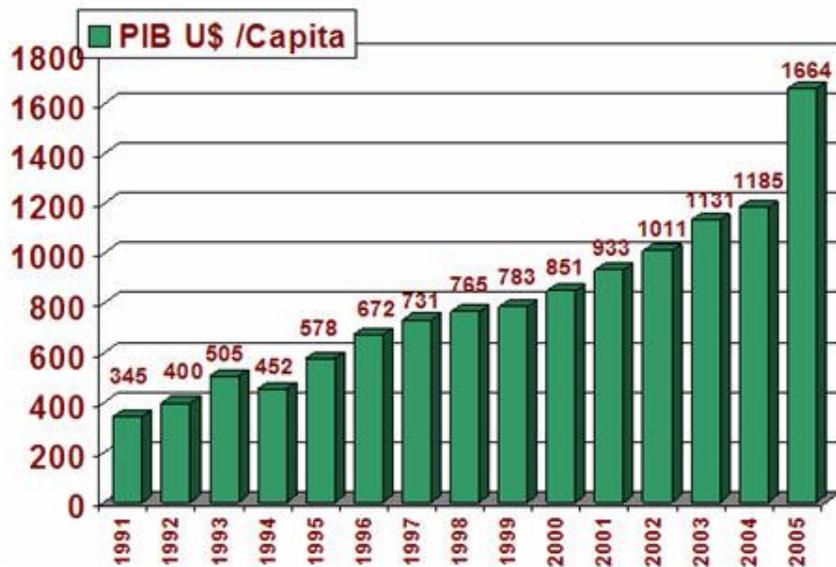


Figura 10 - Recontagem do PIB em 2005 causou o grande salto no PIB/capta no mesmo ano

Conclusão

Para se entender o processo da hegemonia dos Estados Unidos da América, foi necessária a análise de alguns conceitos de extrema importância, como a noção de hegemonia e a noção de poder. A hegemonia norte-americana pode ser estudada pela lógica de ciclos hegemônicos de Wallerstein, já que o país se tornou um grande hegemom ao investir na eficiência econômica produtiva; mas, atualmente, os EUA sofrem com suas próprias políticas, que se tornaram as causas do seu possível declínio. O país passou a investir maciçamente no setor militar, porém, a partir daí, não conseguiu mais demonstrar sua força. O poder militar, então, que para Edward Carr é o poder mais relevante na política externa de um país, se torna ineficaz para garantir a segurança da população norte-americana. Para Carr, o poder militar é importante para a manutenção de um sistema que vive em guerra latente, e portanto, deve possuir maior força. Já Wallerstein acredita que, se usado em excesso, traz fraqueza.

A partir da análise apresentada, duas hipóteses são inferidas: 1) os EUA estão passando por um momento de crise hegemônica; 2) os EUA estão passando por uma crise que pode ser revertida.

Na primeira hipótese, este momento de crise se dá pela perda de força da economia americana e se agrava devido aos altos gastos militares que impedem que recursos sejam reinvestidos para tentar reverter tal situação. A própria natureza dos gastos militares pode ser questionada por muitos, já que os investimentos foram direcionados a uma guerra que não foi devidamente justificada. Analisa-se que este uso da força pode ser um sinal de que os Estados Unidos não conseguem mais manter suas políticas de poder. A impopularidade que a guerra adquire com o tempo e o agravamento da situação econômica levaram a um questionamento da opinião pública norte-americana. O mesmo pode ser observado em relação à opinião pública mundial, que não vê mais o poderio econômico e militar americano como algo evidente e inquestionável. Todos estes fatores podem ser apontados como sinais da queda hegemônica estadunidense, assim como se utilizarmos a análise de ciclos hegemônicos de Immanuel Wallerstein. Os Estados Unidos estão passando por uma grave crise econômica; e existe um novo destaque no mesmo setor, a China. Para Wallerstein, os Estados Unidos ainda são uma potência militar, mas não mais econômica, o que significa que estamos no período de planalto e que, em breve, se iniciará outro ciclo hegemônico. A desaceleração econômica, os altos gastos militares, o recorrente uso da força e a impopularidade interna e mundial são variáveis independentes em uma análise metodológica, ou seja, estes fatores ajudam a explicar a crise hegemônica dos Estados Unidos, que funciona como a variável dependente.

Por todos os motivos já explicitados na hipótese 1 (um), é inegável que os Estados Unidos estejam passando por um momento de crise. Porém, na segunda hipótese ressalta-se a possibilidade de reversão de tal crise, uma vez que este fenômeno pôde ser observado outras vezes na história americana, como durante a década de 1970. Nesta época, os Estados Unidos vivenciaram um momento bem similar, pois deixaram a Guerra do Vietnã com seu poderio altamente contestado e com baixa aprovação da opinião pública interna e mundial. Também enfrentaram grave crise econômica marcada pelos choques do Petróleo, que

mostraram uma vulnerabilidade americana perante aos acontecimentos mundiais; além da desvalorização da moeda americana com o fim do padrão ouro/dólar, entre outros motivos que podem ser apontados. Apesar de muitos acharem que era o fim da hegemonia americana, o país se recuperou prontamente nas décadas seguintes. A desaceleração econômica, os altos gastos militares, o recorrente uso da força e a impopularidade interna e mundial, portanto, são variáveis independentes que explicam a crise norte-americana, isto é, a variável dependente. Portanto não é certo afirmar que a hegemonia estadunidense passa por uma crise irreversível, mas sim por uma fase difícil. Vale ressaltar, no entanto, que, neste artigo, não se defende que a hegemonia americana é demasiadamente longínqua, mas sim que o momento de sua decadência não necessariamente chegou.

Os Estados Unidos ainda podem ser uma potência militar, mas os dados mostram que não é mais a maior potência econômica. A atual crise das hipotecas *subprime* e a alta do preço do petróleo mundial, acompanhadas pelo espectro da recessão econômica, são reflexos dos problemas econômicos que os Estados Unidos vivenciam. O cenário econômico internacional tem se mostrado receoso, refletindo em quedas de bolsas em todo o mundo (AFP, 2008), o que evidencia a ainda dependência dos mercados mundiais à economia estadunidense. Isso seria, segundo Wallerstein, um indício para o surgimento de um novo ciclo hegemônico e para a queda do atual ciclo norte-americano.

Todavia, só saberemos se os Estados Unidos perderam realmente seu papel hegemônico no sistema quando um novo hegemon surgir com força na estrutura internacional. Isso só virá com o passar dos anos, dependendo do contexto histórico futuro. Só nos resta, então, esperar pelo que pode vir a ser a possível decadência silenciosa de mais um ciclo; da potência norte-americana.

Referências Bibliográficas

AGENCE FRANCE-PRESSE (AFP). **Bolsas mundiais despencam por temor de recessão nos EUA**. [16 de Janeiro de 2008]. Disponível em: <http://afp.google.com/article/ALeqM5ibUbl--i0ZnuNM83uS0wE60hP3uA> . Acesso em: 18 de Janeiro de 2008.

AGÊNCIA ESTADO. [Dezembro de 2007] Disponível em: <http://www.ae.com.br/institucional/ultimas.htm> . Acesso em: 18 de Janeiro de 2008.

CARR, Edward Hallett,. **Vinte anos de crise: 1919-1939**: Uma introdução ao estudo das Relações Internacionais. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Ed. UnB, Imprensa Oficial de Estado, Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais, 2001.

CHOMSKY, Noam. **Império Americano**: Hegemonia ou Sobrevivência. São Paulo: Campus Elsevier, 2004. 280p.

CIA WORLD FACTBOOK. **United States external debt**. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html> . Acesso em 02 fevereiro de 2008.

COX, Robert W. "Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory". In: KEOHANE, Robert, **Neorealism and Its Critics**. New York: Columbia University Press, 1986. Cap. 8, 204-250.

EBRAICO, Paula Rubea Bretanha Mendonça; MESSARI, Nizar. **As opções de geopolítica americana: o caso do Golfo Pérsico**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ECONOMIC REPORT OF THE PRESIDENT, 2005, 211, table B-2. Disponível em: <http://www.gpoaccess.gov/eop/tables05.html> . Acesso em: 22 de Janeiro de 2008.

_____. Office of Management and Budget, **Fiscal Year 2007**. [Fevereiro de 2007]. Disponível em: <http://www.gpoaccess.gov/usbudget/fy07/about.html>

FEDERAL RESERVE. Industrial Production and Capacity Utilization: the 2003 Annual Revision. [winter 2004].



http://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2004/winter04_ip.pdf .
Acesso em 17 janeiro de 2008.

_____. Real and nominal oil prices. [Outubro de 1999].
Disponível em:
<http://www.federalreserve.gov/pubs/feds/1999/199953/199953pap.pdf> . Acesso em 10 janeiro de 2008

ORGANIZATION OF THE PETROLEUM EXPORTING COUNTRIES (OPEC).
Brief History. S.d. Disponível em:
<http://www.opec.org/aboutus/history/history.htm> . Acesso em 17
janeiro de 2008.

REUTERS. “**Possível recessão assombra EUA e dólar sobe pelo 3º dia**”. [17 de Janeiro de 2008]. Disponível em:
<http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRN1751367120080117> . Acesso em 18 janeiro de 2008.

TRIBUNA DA IMPRENSA ONLINE. **FED afasta risco de recessão**. [18 de
janeiro de 2008]. Disponível em:
<http://www.tribunadaimprensa.com.br/anteriores/2008/janeiro/18> .
Acesso em: 18 de Janeiro de 2008.

U.S. ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION. **U.S. Crude Oil and Petroleum Products Imports from All Countries (Thousand Barrels)**. [Julho de 2007] Disponível em:
<http://tonto.eia.doe.gov/dnav/pet/hist/mttimus1A.htm> . Acesso em 10
janeiro de 2008.

VIEIRA, Flávio Vilela. “China: crescimento econômico de longo prazo”,
In: **Revista de Economia Política**, vol.26, nº.3. São
Paulo, julho/setembro, 2006.

VOETEN, Erik; BREWER, Paul R. ‘Public Opinion, the War in Iraq, and
Presidential Accountability’, In: **The Journal of Conflict Resolution**.
Beverly Hills: Dec 2006. Vol. 50, Num. 6; pág. 809-830.

WALLERSTEIN, Immanuel. “The Inter-State Structure of the Modern
World-System”. In: BOOTH, Ken; SMITH, Steve; ZALEWSKI, Marysia.
International Theory: Positivism & Beyond, Cambridge University
Press, Cambridge, 1996.